A UTILIZAÇÃO DAS TRILHAS INTERPRETATIVAS COMO MEIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Jasmine Cardozo Moreira

Taciana Priscila Pereira

RESUMO

O turismo de natureza, cada vez mais crescente mundialmente, tem a função principal de utilizar o meio ambiente natural de forma a promover o mínimo impacto possível para o mesmo. Diante disso, a sustentabilidade é procurada através de ações de sensibilização do turista para a conservação do local. As trilhas interpretativas elaboradas para a prática do turismo podem ser ferramentas relevantes para a promoção do Turismo de forma sustentável. Por meio destas, o visitante tem contato com o meio ambiente, além de obter informações acerca do local que está sendo visitado. Para que essas informações sejam repassadas ao turista, podem ser utilizados instrumentos como: painéis interpretativos, placas explicativas e guias de turismo, a fim de direcionar e monitorar as ações dos turistas em meio natural. Alguns projetos já foram desenvolvidos estimulando a educação ambiental por meio da utilização das trilhas interpretativas, no Brasil, pode-se citar o projeto: "*Trilhas de São Paulo: Conhecer para conservar"* e as trilhas interpretativas desenvolvidas em Fernando de Noronha – PE. O presente artigo tem como objetivo principal analisar a utilização das trilhas como meio de educação ambiental, por meio de pesquisa bibliográfica, observando casos que já obtiveram sucesso e analisando a possibilidade de projeto semelhante na região dos Campos Gerais – Pr.

ABSTRACT

Nature tourism, increasingly growing globally, has the primary function of using the natural environment in order to promote the least possible impact for the same. Given this, sustainability is sought through awareness-raising for conservation of the tourist site. The trails developed for tourism can be relevant tools for the promotion of tourism in a sustainable manner. Through this, the visitor has contact with the environment, and information about the site being visited. For that information being passed on to tourists, can be used as instruments, interpretative panels, explanatory plaques and tour guides, t direct and monitor the actions of tourists in the wild. Some projects have been developed to stimulate environmental education through the use of trails in Brazil, we can mention the project: "Trails of St. Paul: Knowing to save "and the trails developed in Fernando de Noronha - PE. This article aims at analyzing the use of the trails as a means of environmental education, by means of literature,

noting cases that have been successful, and considering the possibility of a similar project in the region of Campos Gerais – Pr.

RESUMEN

El turismo de naturaleza, cada vez más creciente a nivel mundial, tiene la función principal de utilizar el medio natural con el fin de promover el menor impacto posible para el mismo. Teniendo en cuenta esto, se busca la sostenibilidad mediante campañas de sensibilización para la conservación del sitio turístico. Los senderos desarrollados para el turismo pueden ser herramientas importantes para la promoción del turismo de manera sostenible. A través de este, el visitante tiene contacto con el medio ambiente, e información sobre el sitio que se visita. Para que la información se transmita a los turistas, se puede utilizar como instrumentos, paneles interpretativos, placas explicativas y los guías turísticos, para dirigir y supervisar las acciones de los turistas en la naturaleza. Algunos proyectos se han desarrollado para estimular la educación ambiental a través de la utilización de rutas en Brasil, podemos mencionar el proyecto "Senderos de St. Paul: Saber guardar" y los senderos desarrollado en Fernando de Noronha - PE. Este artículo tiene como objetivo analizar el uso de los senderos como medio de educación ambiental, a través de la literatura, teniendo en cuenta los casos que han tenido éxito, y teniendo en cuenta la posibilidad de un proyecto similar en la región de Campos Gerais – Pr.

Introdução:

Com o aumento significativo da população em meio urbano, o chamado Turismo em áreas naturais, tem ganho forte estímulo, sendo atrativo para turistas de perfis diferentes dos observados no início da atividade turística. Atualmente, o turismo em áreas naturais engloba desde crianças até a chamada “melhor idade” (idosos).

Tal crescimento e popularidade pode trazer diversos impactos para o meio ambiente natural, sendo que o turismo possui a potencialidade de causar vários impactos adversos nos ambientes que utiliza. A realidade mostra que qualquer tipo de Turismo de natureza, promove algumas reestruturações permanentes do meio ambiente e aumenta o número de pessoas nas áreas turísticas ou a possibilidade de que os impactos adversos sejam sentidos.

Com a preocupação cada vez mais freqüente acerca do meio ambiente natural, a prática de atividades relacionadas com a natureza tem sido procurada mais intensamente na ultima década. A atividade, além de proporcionar contato

direto com o meio ambiente, traz a possibilidade de agregar status para quem a pratica, uma vez que o exercício da sustentabilidade tem sido discutido com freqüência.

Devido ao número crescente de adeptos, o turismo de natureza percebe a necessidade de desenvolver maneiras de minimizar os impactos, buscando a sustentabilidade e conservação dos locais visitados.

Os meios interpretativos surgem então, como forma de educar o turista acerca da postura a ser tomada em uma área natural. Dentre os meios interpretativos existentes, pode-se citar a utilização de trilhas, nas quais o turista, além de ter contato com a natureza, pode aprender mais sobre o ambiente em que está se inserindo.

O presente artigo tem como objetivo principal analisar de que forma a utilização de trilhas interpretativas pode auxiliar na educação ambiental de um destino turístico. A metodologia utilizada é a bibliográfica, observando também dois casos de sucesso no Brasil acerca do tema discutido. Utilizando trilhas para a educação e interpretação ambiental, o Projeto *Trilhas de São Paulo: Conhecer para Conservar* é um bom exemplo. Apresenta um guia contendo informações diversas acerca de trilhas existentes nas Unidades de Conservação do Estado de São Paulo. O guia contém itens que facilitam a compreensão do turista sobre o local a ser visitado, despertando interesse pela natureza existente no estado.

Além disso, o guia possui itens explicativos para o turista, com dados quem visam educar os visitantes sobre como agir em áreas de conservação, regras de conduta que, se seguidas corretamente, podem auxiliar de forma significativa na conservação e manutenção da natureza da região.

Seguem, nos próximos itens, alguns conceitos e considerações sobre interpretação ambiental, trilhas interpretativas especificamente e os casos que obtiveram sucesso em interpretação ambiental através das trilhas.

1 Interpretação Ambiental

Segundo TILDEN (1957), o objetivo básico da interpretação ambiental é revelar os significados, relações ou fenômenos naturais por intermédio de

experiências práticas e meios interpretativos, ao invés da simples comunicação de dados e fatos.

A interpretação ambiental inclui a tradução da linguagem técnica de uma ciência natural em idéias que as pessoas em geral, que não são técnicas, possam facilmente entender. Isto implica em fazê-la de forma que possa ser entendida e interesse aos ouvintes (HAM, 1992).

Para TONIN, (2007):

> "A interpretação da natureza, é uma atividade docente que tem por objetivo revelar significados, relações e fenômenos naturais utilizando experiências práticas e meios interpretativos. Torna-se deste modo também, uma forma de levar as pessoas a apreciarem e entenderem a natureza, cooperando na sua conservação; trata-se de uma atividade educativa que objetiva confundir recreação e educação, de modo que aconteça sem o envolvido perceber."

Segundo o site WWW.ambientebrasil.com.br (acessado em 2010):

> "A interpretação caracteriza-se pela informalidade e encantamento, pela provocação de estímulo, curiosidade e reflexão e pelo uso de interações, comparações e analogias com experiências reais, abordando temas relevantes em seus aspectos normalmente despercebidos e, ou aparentemente insignificantes."

Diante disso, a Interpretação ambiental apresenta-se como forma de educar e sensibilizar o turista, para que este, conhecendo de forma interativa o ambiente que está visitando, passe a auxiliar na conservação do mesmo, a partir de suas atitudes.

Os meios interpretativos podem ser guiados, nos quais há auxílio humano aos visitantes, ou auto-guiados, por meio de painéis, placas, objetos que permitem ao turista obter informações de maneira independente.

Segundo Tonin, a Interpretação Ambiental é Instrumento Educativo E Transformador (2007)***:***

> "As atividades de ensino formais entendidas como aquelas realizadas durante o horário escolar e em sala de aula, muitas vezes não fornecem a formação de conceitos ecológicos, devido a situação artificial em que se encontram. Abordar conteúdos durante uma caminhada em áreas naturais pode tornar-se atraente e produtivo para o educando e uma experiência

> inovadora para docentes, pois facilita a compreensão de conceitos, fenômenos e relações, aproximando-as da realidade que os cerca."

Entre os meios interpretativos, encontram-se, segundo *Milano, Serediuk, Miguel (Unidades de Conservação - Conceitos e princípios de planejamento e gestão)*:

1. **Publicações interpretativas**: são mapas que trazem roteiros a ser seguidos, não podem ser massantes e devem despertar a curiosidade do visitante com informações especialmente escolhidas que chamem a atenção para o valor do recurso em questão e atraí-lo para uma experiência direta, evitando-se ao máximo a criação de falsas expectativas. Um folheto guia pode estar em trilhas autoguiadas, correlacionando informações textuais interpretativas com cenas ou fenômenos reais.

2. **Placas e painéis interpretativos:** são objetos que, sob os princípios da interpretação, auxiliam o processo de interpretação do visitante com o ambiente. As placas trazem desde uma simples sinalização de orientação para o transeunte até textos, figuras, mapas, fotografias e documentos. Devem ser atraentes, simples, geralmente com menos de cem palavras, de fácil entendimento e acessíveis às crianças e deficientes físicos. Além disso, devem ser resistentes às intempéries e ao vandalismo e não podem contribuir para a poluição visual do local ou para a obstrução visual da paisagem. Algumas vezes os sinais podem ser destacados no chão do próprio caminho, com pintura por exemplo. Os painéis podem ainda exibir imagens ou mapas em baixo relevo, miniaturas e maquetes compondo, por exemplo, cenas de épocas passadas ou diferentes ecossistemas.

3. **Interpretação pessoal**: neste caso, a interpretação é orientada por um guia treinado, capaz de provocar, perceber e otimizar as intenções do visitante com o ambiente, tratando-se de uma das formas mais eficientes de interpretação. Há ainda a representação teatral, onde são exibidos períodos históricos ou outros fenômenos com a participação de atores, podendo haver a inserção ativa do próprio visitante ou a exibição de trabalhos artesanais em locais estrategicamente escolhidos para acesso do visitante.

4. **Trilhas ou roteiros interpretativos:** uma trilha ou roteiro interpretativo é simplesmente um caminho planejado para fins de interpretação, podendo fazer uso dos diversos meios anteriores. É geralmente tratado como trilha quando se refere a caminhos já demarcados e roteiro quando não, podendo ambos serem planejados tanto para o meio natural como urbano. Não se limitam a caminhadas, podendo ser planejadas para atender também a bicicletas, cavalos ou veículos motorizados.

Diante destes itens e levando em conta o foco do trabalho, seguem considerações de forma mais detalhada sobre as trilhas interpretativas, sua função, modo de utilização e como fazer das mesmas um instrumento de educação ambiental.

1.1 Trilhas Interpretativas

Segundo ANDRADE (2008, P. 01):

> "...A principal função das trilhas sempre foi suprir a necessidade de deslocamento. Entretanto, ao longo do tempo houve uma mudança em tal função, ou seja, de um simples meio de deslocamento, as trilhas surgem como um novo meio de contato com a natureza, pois são normalmente umas das melhores opções aos turistas que visitam áreas protegidas ou não, o que permite maior familiaridade com o meio natural do mesmo."

Segundo Murta e Goodey (2002, p.36), trilha "[...] é uma rota, já existente ou planejada, que liga pontos de interesse em ambientes urbanos ou naturais". Os "pontos de interesse" citados pelas autoras são aqueles vistos durante o caminho, mas a orientação necessária para percebê-los só pode ser dada pela interpretação. Assim tudo dependerá da interpretação da trilha.

As trilhas estão hoje intimamente associadas ao ecoturismo. São caminhos existentes ou estabelecidos, com diferentes formas, comprimentos e larguras, com objetivo de aproximar o visitante ao ambiente natural, ou conduzi-lo a um atrativo específico, possibilitando seu entretenimento ou educação através do contato com a natureza. Em áreas naturais protegidas, um sistema de trilhas é formado por um

conjunto de caminhos e percursos construídos com diversas funções, desde vigilância até o turismo (Pagani *et al*., 1995. *Apud* ANDRADE 2008).

Uma trilha interpretativa é caracterizada por vários fatores que a limitam a certos aspectos. Como por exemplo, há fatores ambientais que causam uma ação direta na utilização de trilhas interpretativas ou ainda alguns métodos que podem definir que tipo de trilha será feito. Isso é importante para seu funcionamento, mas antes de tudo, ela sempre possuirá uma estreita relação com o ecoturismo, pois além de interpretar a atividade turística busca mudar a postura do ser humano perante a natureza, dando ao mesmo uma consciência ecológica capaz de manter o equilíbrio do meio ambiente (CAMPOS E FERREIRA, 2006. *Apud* GONÇALVES 2009).

Ao caminhar e percorrer uma trilha interpretativa, o turista tem acesso a informações sobre o local que está visitando, conhecendo o ecossistema por meio do contato direto com o mesmo, além de receber dados a partir de um guia (no caso das trilhas guiadas) ou de placas e painéis (quando está em uma trilha auto-guiada). Conhecendo o ambiente e suas fragilidades, o visitante passa, mesmo que involuntariamente, a cuidar do mesmo, afim de conservar o local para um possível retorno.

No caso das trilhas auto-guiadas, o visitante possui mais liberdade para percorrer o caminho, quando se diz respeito à velocidade e forma de interpretação. As informações são passadas através de imagens e palavras, reservando ao turista uma forma individual de compreender o ambiente. Por outro lado, podem surtir menor efeito na sua conservação, uma vez que não possuem monitoramento e o visitante fica livre para realizar suas ações.

Já nas trilhas denominadas guiadas, o turista faz o percurso com a supervisão e o apoio de um guia, que pode ser tanto individual quanto para grupos. Diante disso, o guia pode explanar aos visitantes as características e curiosidades do local que estão visitando, além de supervisionar e controlar as ações dos indivíduos, no que respeito ao descarte do lixo, sair da trilha, utilização de atalhos, entre outros itens.

2. Casos bem sucedidos

Como o objetivo deste artigo é analisar a utilização das trilhas interpretativas como ferramenta de educação ambiental, a seguir serão abordados alguns casos bem sucedidos de elaboração e formatação de projetos a esse respeito.

A escolha desses casos deu-se porque tratam-se de projetos que visam a conservação ambiental, trabalhando com os turistas de maneira interativa, e obtendo boa aceitação no mercado de turismo em áreas naturais do Brasil.

Como exemplos de casos bem sucedidos que utilizam trilhas interpretativas para auxiliar na interpretação e educação ambiental dos turistas, pode-se citar dois exemplos brasileiros, o Projeto *"Trilhas de São Paulo: conhecer para Conservar",* e o projeto desenvolvido pelo WWF (World Wildlife Fund"), no qual as trilhas interpretativas do arquipélago Fernando de Noronha – PE foram desenvolvidas.

2.1 "Trilhas de São Paulo: Conhecer para conservar"

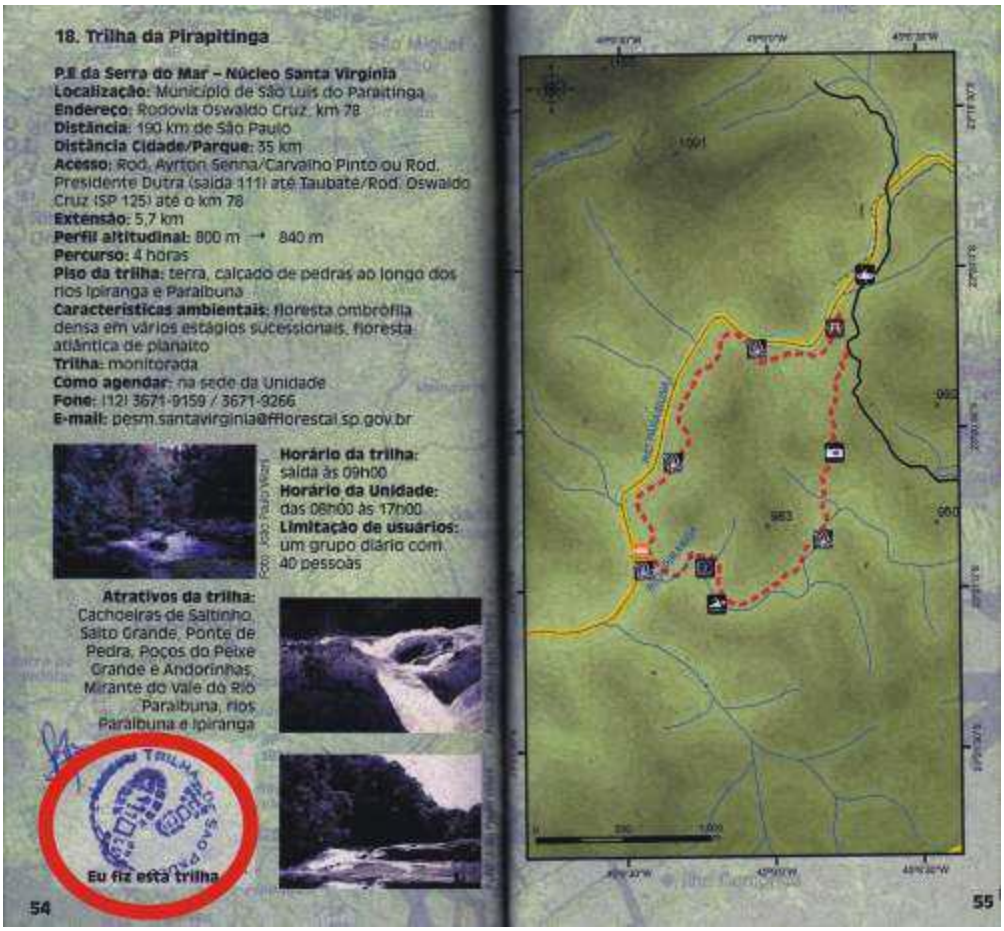
O projeto foi criado em 2008, em uma parceria entre a ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura), Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo do estado de São Paulo, Instituto Ilhabela Sustentável e o WWF. Trata-se de um instrumento que através de um guia de bolso e de um site, apresenta aos turistas cerca de 40 trilhas existentes nas 19 unidades de conservação de São Paulo. (São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, 2008)

O guia impresso contém, em sua apresentação, uma série de dicas sobre a maneira de agir no ambiente natural, formas de minimizar o impacto a ser gerado e com isso, conservar o meio ambiente. Apresenta também, diretrizes de comportamento nas mais variadas situações em meio natural, como proceder, por exemplo, no momento de encontro com animais silvestres.

Após conhecer melhor o meio natural, o guia traz ao visitante uma legenda com explicações sobre figuras, siglas e demais informações com as quais o mesmo pode se deparar ao percorrer as trilhas contidas no guia. Essas informações são úteis de forma geral para o turista, uma vez que facilita a compreensão do meio natural em qualquer parte do país.

De extrema importância, há um item no web site do projeto com explicações detalhadas sobre as unidades de conservação abordadas no mesmo. O item apresenta informações como horário de funcionamento, localização, acesso e atrativos encontrados nos parques, com dados precisos sobre a fauna e flora de cada UC. Ao saber o que irá encontrar no local a ser visitado, o turista tem a oportunidade de escolher com maior clareza os parques de maior interesse pessoal para visitação, auxiliando assim na experiência a ser vivenciada.

Como parte principal do guia, pode-se encontrar informações sobre as quarenta trilhas catalogadas pelo projeto, sendo elas: localização, endereço, distância, acesso, extensão, tempo de percurso, piso da trilha, características ambientais, tipo de trilha (guiada ou auto guiada), como agendar uma visita, telefone de contato da unidade de conservação a qual a trilha pertence e email. Além disso, é apresentado ao turista os horários de saída para a trilha, os atrativos existentes na mesma e a capacidade de carga do local. Fotos e mapas complementam as informações.



18. Trilha da Pirapitinga

P.E da Serra do Mar – Núcleo Santa Virgínia
Localização: Município de São Luís do Paraitinga
Endereço: Rodovia Oswaldo Cruz, km 78
Distância: 190 km de São Paulo
Distância Cidade/Parque: 35 km
Acesso: Rod. Ayrton Senna/Carvalho Pinto ou Rod. Presidente Dutra (saída 111) até Taubaté/Rod. Oswaldo Cruz (SP 125) até o km 78
Extensão: 5,7 km
Perfil altitudinal: 800 m → 840 m
Percurso: 4 horas
Piso da trilha: terra, calçado de pedras ao longo dos rios Ipiranga e Paraibuna
Características ambientais: floresta ombrófila densa em vários estágios sucessionais, floresta atlântica de planalto
Trilha: monitorada
Como agendar: na sede da Unidade
Fone: (12) 3671-9159 / 3671-9266
E-mail: pesm.santavirginia@florestal.sp.gov.br

Horário da trilha: saída às 09h00
Horário da Unidade: das 08h00 às 17h00
Limitação de usuários: um grupo diário com 40 pessoas

Atrativos da trilha: Cachoeiras de Saltinho, Salto Grande, Ponte de Pedra, Poços do Peixe Grande e Andorinhas, Mirante do vale do Rio Paraibuna, rios Paraibuna e Ipiranga

Eu fiz esta trilha

54 55

Foto: Guia Trilhas de São Paulo Fonte: WWW.vemconosco.wordpress.com (2009)

Ao final do guia, foi inserido um “glossário”, que traz esclarecimentos acerca de palavras e expressões típicas do ecoturismo.

Vale salientar que o projeto a fim de incentivar o turista a percorrer um número mais elevado de trilhas, desenvolveu o chamado “passaporte”, no qual, ao percorrer a trilha, o visitante carimba seu guia, deixando registrada sua passagem pelo local. O guia tem um valor simbólico de R$5,00 (cinco reais), sendo que a verba arrecadada com a sua venda é destinada a manutenção das unidades de conservação do estado.

Foto Capa do Guia Trilhas de São Paulo – Fonte: WWW.vemconosco.wordpress.com (2009)

2.3 Trilhas interpretativas de Fernando de Noronha – PE

O Arquipélago de Fernando de Noronha está localizado no estado de Pernambuco, é formado por vinte e uma ilhas, numa extensão de 26 km², tendo uma principal - a maior de todas, também chamada "Fernando de Noronha" -, a única ilha habitada. As demais estão contidas na área do Parque Nacional Marinho e são desabitadas, só podendo ser visitadas com licença oficial do IBAMA.

Na Unidade de Conservação, o ICMBio trabalham com a finalidade de assegurar a utilização do local de maneira sustentável, para a conservação do mesmo.

Diante disso, com o apoio do WWF, em 1995 foi iniciado um programa de fomento ao Ecoturismo na região, programa este que existe na atualidade e visa promover o ecoturismo sustentável. Para isso, o programa desenvolveu trilhas interpretativas no arquipélago, contendo painéis interpretativos, placas de sinalização adequadas, monitoramento e materiais impressos sobre o comportamento adequado do ecoturista. Além disso, as trilhas foram elaboradas com materiais próprios para a prática do Ecoturismo, como trilhas suspensas feitas em madeira. (WWW.wwf.org.br, acesso em 2010).

O horário de acesso permitido às trilhas para os turistas foi determinado de acordo com a rotina do ambiente, respeitando processos naturais, como acasalamento dos animais locais, período de desova, entre outros.

Os hábitos da fauna e flora de Fernando de Noronha ditam as regras a serem seguidas pelos turistas, uma vez que a finalidade principal do projeto de Ecoturismo local é a conservação do meio ambiente natural.

Além da sinalização e informações existentes nas trilhas, os turistas têm acesso a palestras e exposições, para maior esclarecimento sobre a unidade de conservação e as diretrizes de conduta a serem seguidas no local.

Ao percorrer as trilhas de Fernando de Noronha, o turista pode acompanhar a rotina da natureza local, já que as trilhas foram desenvolvidas em locais estratégicos para proporcionar experiências como: observação de pássaros, golfinhos, tartarugas, entre outros componentes do ecossistema em questão.

Foto painel interpretativo WWF – Fernando de Noronha - acervo pessoal de MOREIRA, C., Jasmine, 2007.

Foto Bahia do Sueste – Fernando de Noronha – acervo pessoal de MOREIRA, C., Jasmine, 2007.

3. Considerações finais

As trilhas, no início utilizadas apenas para passagem, tornaram-se instrumento para a interpretação e educação ambiental, levando aos turistas, de forma prática e interativa experiências e informações sobre o local visitado, fazendo com que, conhecendo o meio em que está se inserindo, o visitante passe a cuidar e auxiliar na conservação do ecossistema.

É importante que, ao utilizar uma trilha, o visitante esteja sensibilizado sobre os impactos e as fragilidades do local, para que a sustentabilidade possa ser alcançada, colaborando assim, para a conservação do local e a manutenção da fauna e flora existentes no mesmo.

Diante dos estudos realizados acerca da eficiência da utilização das trilhas para a interpretação e educação ambiental, nota-se a importância do desenvolvimento de um projeto com a finalidade de inventariar, organizar e estimular a prática do Turismo Sustentável na região dos Campos Gerais, estado do Paraná.

Deste modo, baseando-se no Projeto “Trilhas de São Paulo: Conhecer para conservar um projeto está sendo realizado para a criação de um guia, tendo como objetivo inventariar as trilhas existentes na região dos Campos Gerais, estimulando, por meio da utilização das trilhas, o turismo consciente, buscando a sustentabilidade e fomentando o turismo de natureza regional.

Referências:

TILDEN, Freeman. **Interpretando nosso patrimônio**. 1957.

HAM, Whiten. **Sobre a natureza ea evolução da imitação no reino animal: reavaliação de um século de pesquisa**. 1992.

TONIN, Graciela. **Educação ambiental como instrumento Educativo e transformador**. 2007. (WWW.artigos.netsaber.com.br acesso em 2010)

MILANO, M.S. **Unidades de conservação**. **Conceitos e princípios de planejamento e gestão**. Curitiba, FUPEF, 1989.

ANDRADE, W. J.; ROCHA, R. F. da. **Manual de trilhas: um manual para gestores.** 2008**.**

MURTA; GOODEY, 2002. **Turismo: a relação do ecoturismo e das trilhas interpretativas**. (WWW.espacoacademico.com.br acesso em 2010).

GONÇALVES, Glória, Maria, da. **EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PLANEJAMENTO E USO DAS TRILHAS ECOLÓGICAS INTERPRETATIVAS PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**. Brasília, 2009.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Guia Trilhas de São Paulo: Conhecer para Conservar**. São Paulo, 2008.

WWW.vemconosco.wordpress.com.br. Acesso em outubro de 2010.

WWF Brasil. WWW.wwf.org.br. Acesso em novembro de 2010.

WWW.noronha.pe.gov.br. Acesso em outubro de 2010.

Anexos:

ANEXO 1: Foto: Guia Trilhas de São Paulo Fonte: WWW.vemconosco.wordpress.com (2009), Acesso em 2010.

ANEXO 2: Foto Capa do Guia Trilhas de São Paulo – Fonte: WWW.vemconosco.wordpress.com (2009). Acesso em 2010.

ANEXO 3: Foto painel interpretativo WWF – Fernando de Noronha - acervo pessoal de MOREIRA, C., Jasmine, 2007.

ANEXO 4: Foto Bahia do Sueste – Fernando de Noronha – acervo pessoal de MOREIRA, C., Jasmine, 2007